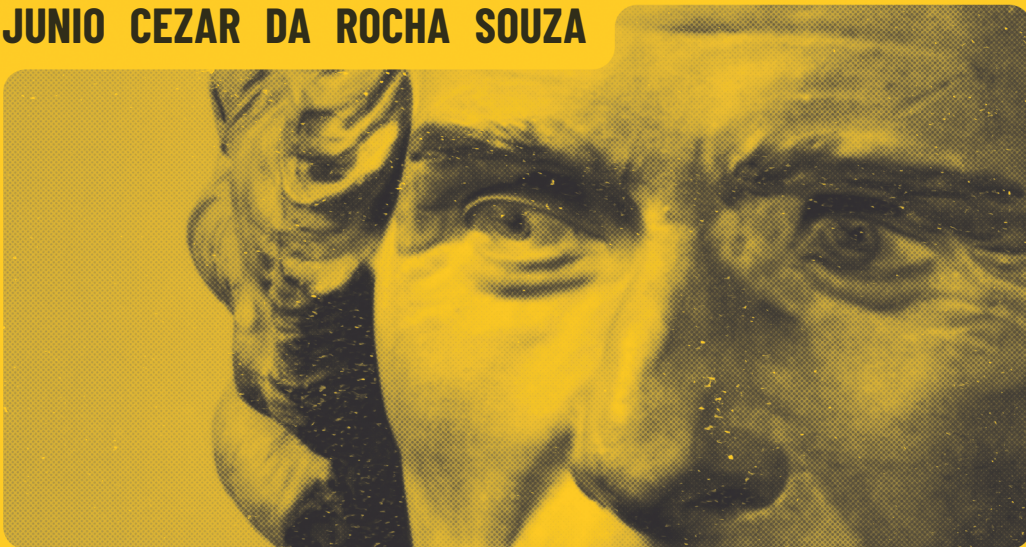


JUNIO CEZAR DA ROCHA SOUZA



ROUSSEAU

E O SOFRIMENTO

CONSIDERAÇÕES
FILOSÓFICAS



“Há uma ordem no mundo, que ultrapassa a humanidade e ajusta ordenadamente as diversas relações entre os seres e os fenômenos. “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas”, Rousseau afirma na abertura do *Emílio*, ou ainda “O todo está bem, ou Tudo está bem para o todo” como explica na sua *Carta ao Senhor de Voltaire*. O universo está em ordem, foi concebido harmonicamente. Até mesmo as catástrofes naturais, como o terremoto de Lisboa ocorrido em 1755, que foi objeto de disputa com Voltaire, devem ser entendidas como o modo de funcionamento equilibrado do universo apesar, do sofrimento que possam causar à humanidade.”

Do Prefácio.

Profa. Dra. Helena Esser dos Reis (UFG/CNPq)

Goiânia, outubro de 2024.



Editora
Mackenzie

ROUSSEAU

E O SOFRIMENTO

CONSIDERAÇÕES
FILOSÓFICAS

Coleção Academack

Universidade Presbiteriana Mackenzie

Reitor Marco Tullio de Castro Vasconcelos

Editora Mackenzie

Coordenador Sérgio Silva Dantas

Conselho editorial

Alexandre Nabil Ghobril

Ana Alexandra Caldas Osório

Cecília de Carvalho Castro e Silva

Gianpaolo Poggio Smanio

Gildásio Jesus Barbosa dos Reis

José Geraldo Simões Junior

José Luiz de Lima Filho

Luiz Roberto Martins Rocha

Paulino Graciano Francischini

Ronaldo de Oliveira Batista

Rosângela Patriota Ramos

Valéria Farinazzo Martins

JUNIO CEZAR DA ROCHA SOUZA

ROUSSEAU

E O SOFRIMENTO

**CONSIDERAÇÕES
FILOSÓFICAS**



Editora
Mackenzie

©2025 Junio Cezar da Rocha Souza

Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Coordenação de produção editorial: Jéssica Dametta

Produção editorial: Surane Vellenich

Preparação de texto: Surane Vellenich

Revisão: Camilla Soares Sales

Projeto gráfico e diagramação: Pedro P. V. Pancheri

Capa: Montagem de Pedro P. V. Pancheri sobre fotografia do busto de *Jean-Jacques Rousseau*, de Jean Antoine Houdon. Imagem da coleção de esculturas do The Metropolitan Museum of Art (www.metmuseum.org).

Estagiária editorial: Sofia Lustosa de Oliveira da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S731r

Souza, Junio Cezar da Rocha.

Rousseau e o sofrimento : considerações filosóficas / Junio Cezar da Rocha Souza.

São Paulo : Editora Mackenzie, 2025. 220 p. : il. ; 23 cm.

(Coleção AcadeMack; v. 52).

Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-65-264-0704-2

1. Filosofia. 2. Sofrimento - Aspectos Filosóficos. 3. Filosofia e Religião. 4. Rousseau.

I. Título. II. Série.

CDD190

Bibliotecária Responsável: Paola D'Amato – CRB 8/6271

Editora Mackenzie

Rua da Consolação, 930

Edifício João Calvino

São Paulo – SP

CEP 01302-907

Tel.: +55 11 2114-8774

editora@mackenzie.br

www.mackenzie.br/editora

Editora filiada



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



A vocês: Vilma, Sofia, Safira e Séfora. Por quem peço que Jesus Cristo seja o sustento em dias difíceis.

A todos aqueles que acreditam que “a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas”

(2 Coríntios 4.17-18).

“[...] Ma résignation vient d’une source moins desintéressée, il est vrai, mais non moins pure et plus digne à mon gré de l’Etre parfait que j’adore. Dieu est juste; il veut que je souffre; et il sait que je suis innocent. Voila le motif de ma confiance, mon coeur et ma raison me crient qu’elle ne me trompera pas. Laissons donc faire les hommes et la destinée; aprenons à souffrir sans murmure; tout doit à la fin rentrer dans l’ordre, et mon tour viendra tot ou tard.”

— Jean-Jacques Rousseau

Les Rêveries du Promeneur Solitaire (1959d, p. 1010).

Agradecimentos

Sendo este livro o resultado de um longo período de pesquisa de doutoramento (2016-2023), entremeado por difíceis momentos, inclusive o da pandemia da Covid-19, são muitos os motivos de agradecimento. Aproveito para, antecipadamente, pedir desculpas pela *ingratidão* da memória e do espaço que aqui tenho.

Agradeço a Deus, a partir de cujas mãos toda a beleza do mundo faz sentido, inclusive a minha vida. Seu sustento ao longo de toda a tecitura deste livro se apresentou *cum gaudium et spes*.

Expresso minha gratidão à minha família, presença que me animava mesmo em meio à agitação de uma casa pequena com a desproporcional disputa de uma voz masculina e quatro femininas. Agradeço a vocês, meus amores, as *lunas* que traziam brilho nos momentos escuros do trabalho acadêmico, *Vilma, Sofia, Safira e Séfora*.

Aos meus pais, aos meus sogros. São eles exemplos de serenidade na vida. Embora não tenham tido oportunidade de avançarem no ensino formal, transmitem grandiosa sabedoria que antecede aquilo que encontramos nos livros de pensamentos mais sofisticados. Eles me ensinam muito! São meus professores também.

Minha querida orientadora do doutorado, Dra. Profa. Helena Esser dos Reis, esplendorosa em conhecimento, com trabalho pródigo, incomparável orientação, por quem nutro altaneira admiração, minha imensa gratidão. Muito obrigado por seu trabalho exemplar. Tenho levado para a sala de aula seu belo exemplo, procurando à distância – é claro – acompanhá-la na forma austera de transmitir o conhecimento, mas, também, de modo amável e sensível na observação do que circunda os alunos nos momentos mais difíceis. Agradeço seu carinho em me acompanhar não apenas com a técnica rigorosa – necessária ao trabalho que agora se apresenta na forma de livro e longe de a ter empregado à sua altura – mas pelas palavras refugiosas que recebi quando Vilma estava na UTI e, sempre, quando as meninas estavam doentes. Sua postura foi sempre coerente, cuidar primeiro do próximo. Tenha a certeza de que sua orientação, desde o mestrado,

permanecerá indelével ao longo de toda a minha vida. As lembranças não serão porosas, serão permanentes e inspiradoras. Agradeço a Deus por sua vida e orientações, que se aqui fossem descritas empobreceriam seu honroso trabalho, dado o valor inefável que possuem para mim.

Ao meu prezado professor Gilmário Guerreiro da Costa, ainda que sempre hesite com essa minha deferência, meus sinceros agradecimentos. Foi meu primeiro professor de filosofia. Ele nem imagina o quanto me inspirou. Seu interesse em ensinar e sua preocupação com as pessoas restaram no engendramento de uma amizade que fez com que ele e Lygia, sua adorável esposa, apadrinhassem a mim e a Vilma no dia de nosso matrimônio. Agradeço meu amigo... *c'est tout!*

Minha filiação ao calvinismo e à Igreja Presbiteriana do Brasil me faz grato à igreja local, à Primeira Igreja Presbiteriana em Planaltina-DF. Ao Conselho da Igreja e a todos os membros que mantiveram direcionado a mim um incentivo confesso ao avanço dos estudos e com súplicas constantes para que esse momento chegasse. Minha imensa gratidão a todos vocês! Não posso me esquecer do Prof. Aristides Alvares Dourado Júnior – acompanhou-me no *sofrimento* da defesa da tese cujo presente livro é sua consequência. *Sofreu* calado, só ouvindo, por horas. Obrigado, meu irmão!

Ao Seminário Presbiteriano de Brasília – SPB, aos prezados diretores com quem convivi desde 2007 na docência desta importante instituição: Valter Moura, Marcos Alexandre G. R. Farias e Tarcizio José de Freitas Carvalho; aos meus colegas professores e alunos, aos colaboradores, fica registrada minha imensa gratidão a todos vocês.

Ao professor Walter Eustáquio Ribeiro, à professora Márcia Braz, ao professor Mac Cartaxo Amaral, pela oportunidade de lidar com a docência na Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília – FPMB, lá no início de 2018. Estendo a gratidão ao amigo e atual diretor desta honrosa instituição, Dr. Josimar Santos Rosa. Sou grato à contribuição dos senhores, imensamente.

Ao Diretor do Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília – Internacional, prof. Alexandre Henrique Moraes de Almeida, pela oportunidade de servir nesta instituição, ao lado de professores queridos, contribuindo com uma filosofia a serviço do reino de Deus. Fico muito agradecido!

Aos professores Dr. Renato Moscatelli (UFG) e Dr. Claudio Araújo Reis (UnB) pelas pontuações acerca do presente escrito – desde a qualificação da tese – que implicaram em correções necessárias, indicações de pesquisa e prolongamento que permaneceram inatingíveis, em problemas que aguçam o avanço nos estudos em Rousseau, mas também na demonstração de meus limites e na exigência de humildade para estudar um autor de tão portentosa envergadura. São professores cujo estoque de erudição e trato fino nas orientações me desafiam a ir mais longe e, ao mesmo tempo, a manter-me no meu devido

lugar, entendendo que preciso aprender ainda muito pela frente. Igualmente, aos professores Dra. Jacira de Freitas (Unifesp) e Dr. Genildo Ferreira da Silva (UFBA) que nos momentos finais da pesquisa e nos congressos, colóquios e encontros acadêmicos sobre o genebrino sempre contribuíram significativamente para minhas leituras e desenvolvimentos do texto que chega à presente forma.

Agradeço aos meus colegas de caminhada na Universidade Federal de Goiás – UFG, desde 2009: Willame, Vital, João Aparecido, Anderson, Kellen e outros que a solidão da pesquisa e o distanciamento do cenário presente afetam a citação por nomes. Menciono especialmente o Moisés, homem sereno, piedoso, escrupuloso nos estudos. Todos os momentos em que pude estar com ele nos eventos universitários, sua presença sempre foi agradável e edificante. Muito obrigado, meu amigo, desde o começo, sua amizade foi muito valiosa.

Minha querida Marlene, não tenho palavras para lhe agradecer o cuidado e o carinho em nos acompanhar em todos os momentos na Universidade Federal de Goiás (UFG), procurando o melhor para todos nós, sempre com alertas necessários quanto às formalidades quando nos distraíamos em nossa labuta mais técnica. Deus lhe recompense o trabalho, a ajuda, a generosidade.

Meus agradecimentos à Editora Mackenzie, representada na pessoa das excelentes profissionais Jéssica Dametta, Millena Tafner e Surane Vellenich que, desde a publicação de *Filosofia e Abismo*, prestam um primoroso trabalho por meio de atenção constante, zelo com as obras, paciência com o autor e gentil disposição para que a publicação seja a melhor possível.

Aos familiares e amigos de modo geral, que sempre perguntam sobre a vida acadêmica. Nossa conversa sempre gira em torno de curiosidades iniciais sobre o estudo da filosofia... E, rapidamente, o assunto acaba, e vamos falar de outra coisa... Afinal de contas, a vida não é só pesquisa e escrita de livros sobre filosofia. Não se preocupem! Obrigado pelo convívio, pela companhia de vocês e pelos assuntos prosaicos a partir dos quais a filosofia assume sua forma. E, assim, eu preciso terminar esta gratidão, lacunar.

Sumário

Prefácio	15
Introdução	19
Sufrimento e Homem	27
O estado de natureza e a biologia do sofrimento	27
A Pitié como variação do sofrimento	47
O sentimento ou a reflexão como equilíbrio para o sofrimento?	59
Sufrimento e Ordem	65
O século XVIII e a ideia de ordem na natureza	65
O sofrimento como resignação diante da Providência Divina	79
Um sussurro de esperança na natureza	100
Sufrimento e Convivência	111
Sofrer pelo outro: a grandeza da república	111
Fazer sofrer o outro: a degeneração da república	124

O fim do sofrimento: os remédios para a dor no mundo	135
A religião	135
A religião do cidadão	140
A religião do homem	151
A filosofia	161
A ordem no homem	162
A <i>rêverie</i> como terapia	178
Considerações finais	197
Referências	205
Obras de Rousseau	205
Em francês	205
Em português	207
Obras críticas	209
Obras gerais	213

Prefácio

*Mas que coisa é homem,
que há sob o nome:
uma geografia?
um ser metafísico?
uma fábula sem
signo que a desmonte?*

...

Mas que dor é homem?"

— Carlos Drummond de Andrade

(Especulações em torno da palavra homem).

Rousseau começa o prefácio do *Discurso sobre a origem e o fundamento da desigualdade entre os homens* afirmando que, de todos os conhecimentos já desenvolvidos pela humanidade, o conhecimento específico sobre o próprio ser humano é o menos avançado. Investigar um pouco mais acerca do “homem” foi, então, o esforço que empreendeu naquele *segundo Discurso* e em outros textos. Contudo, o “homem”, esse ser complexo e enigmático furta-se sempre à compreensão, instigando a contínua busca por decifrá-lo.

O livro que agora vem a público, *Rousseau e o sofrimento: considerações filosóficas*, de Junio Cezar da Rocha Souza, teve origem em uma pesquisa acadêmica de doutoramento realizada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás. O propósito da investigação era seguir as pistas do pensamento rousseauísta buscando agregar elementos que pudessem contribuir com as “especulações em torno da palavra homem”. A chave de leitura e interpretação – o sofrimento – é inusual. Na vasta obra de Rousseau, não se encontra nenhuma exposição sistemática acerca da dor, da aflição, das contrariedades que acometem a humanidade, ainda que todo seu texto seja atravessado pela constatação de diferentes formas de sofrimento. Da mesma maneira, o sofrimento está presente nas análises dos mais reputados intérpretes de Rousseau, contudo,

nenhum deles toma esse tema como chave de acesso para a compreensão da condição humana no pensamento do autor.

“Existir é sofrer”, afirma Junio, considerando que o sofrimento é inerente à condição humana. Já no estado de natureza tanto as pessoas quanto os animais são acometidos por males físicos – dores diversas decorrentes de doenças e de acidentes, dores da vida longa que chegam com a degeneração do corpo, com a velhice. Essa decrepitude é uma consequência natural, “faz parte do modo como a natureza funciona”, esclarece Junio.

Há uma ordem no mundo que ultrapassa a humanidade, ajustando ordenadamente as diversas relações entre os seres e os fenômenos. “Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas” (Rousseau, 1969a, p. 245), Rousseau afirma na abertura do *Emílio*, ou ainda, “O todo está bem, ou Tudo está bem para o todo” (Rousseau, 1969a, p. 1068) como explica na sua *Carta ao Senhor de Voltaire*. O universo está em ordem, concebido harmonicamente. Até mesmo as catástrofes naturais, como o terremoto de Lisboa ocorrido em 1755, objeto de disputa com Voltaire, devem ser entendidas como o modo de funcionamento equilibrado do universo, apesar do sofrimento que possam causar à humanidade.

O ciclo que vai do nascimento à morte, que caracteriza todos os seres vivos, ou as relações de causa e efeito que acompanham os fenômenos naturais – como o efeito de combustão, uma reação química de oxirredução entre um material oxidante e oxigênio ativada por uma faísca de ignição produzindo a queima do material – está além da capacidade humana. As pessoas estão submetidas a essa ordem e, no curso cotidiano, nem a percebem. Vivem, tal como os demais animais, tranquilamente, segundo suas necessidades e capacidades.

Contudo, ainda no estado de natureza, Rousseau admite que as pessoas são afetadas pelos sentimentos primitivos de amor de si e piedade, os quais produzem algum tipo de consciência de si mesmo e do outro, de existência e de finitude, agregam à dor física os tormentos e angústias que caracterizam propriamente o sofrimento. Embora alguns animais possam demonstrar algo semelhante à piedade, Rousseau afirma que as pessoas são afetadas pela dor do outro, como se houvesse uma “repugnância inata” em ver o outro acometido pela dor e, então, sofrem com o sofrimento do outro.

O sofrimento constitui a humanidade e o próprio mundo humano, argumenta Junio. As pessoas sofrem não apenas por si mesmas e pelos outros, mas também produzem sofrimentos. A passagem do estado de natureza para o estado civil é acompanhada por um cortejo de vícios: o narcisismo, a inveja, a cobiça, a ganância, a mentira e tantos outros que produzem males e sofrimentos tanto individuais quanto coletivos. O mal físico é inevitável, faz parte da natureza humana; os males morais são cultivados pelas próprias pessoas no convívio umas com as outras. O primeiro é da ordem da natureza, o segundo causa desordem no mundo humano. Terremotos, maremotos e combustões são

fenômenos naturais que integram a ordem do universo; o aglomerado urbano que faz com que as pessoas partilhem um pequeno espaço geográfico onde possam conviver, é uma decisão humana. O sofrimento vivido pelos portugueses em 1755 é obra sua. Cada um deles pereceu, no momento do desastre, em lugar de protegerem a si mesmos, como afirma Rousseau na *Carta ao senhor de Voltaire*, por querer levar consigo suas roupas, papéis, joias, dinheiro... Rousseau (1969a, p. 1061-1062) pergunta ironicamente: “Acaso não se sabe que a pessoa de cada homem se tornou a menor parte dele mesmo, e que quase não vale a pena salvá-la quando se perde todo o resto?” Drummond pergunta, em seu poema nada consolador: Quanto vale o homem? Rousseau, amarguradamente, parece entender que, em sociedade, o valor do homem passa a depender de seus bens, de sua posição e de seu poder.

O espaço social e político revela para Rousseau inúmeras possibilidades de sofrimento e de satisfação, posto que as variáveis são imensas. Seguramente, ao falar de política supõe-se um ambiente não natural, mas criado pelas pessoas, o que pode significar o surgimento de um estado desigual e opressivo como aquele que tem origem no pacto entre ricos e pobres do *Segundo Discurso* e no qual o sofrimento humano se potencializa em decorrência da ação das próprias pessoas. Entretanto, ainda que verossímil, essa história não é necessária. Pode-se pensar na constituição de um estado com características que remetam ao *Contrato Social*. O cidadão, aperfeiçoado pela razão e pela moralidade, se entrega total e voluntariamente à construção da convivência adequada e ao bom funcionamento da comunidade política. Junio destaca que, embora ao agir de tal modo, o cidadão esteja buscando a realização de seu interesse, “ele não consegue escapar de um esvaziamento de si” que o faz sofrer, mas que contribui para minimizar os sofrimentos de seus pares, atendendo às condições necessárias para um bom convívio.

Contra a concepção moderna que encontra no indivíduo a completude da condição humana, Rousseau (Rousseau, 1964b, p. 364) retrata o homem isolado do estado de natureza como um “animal estúpido e limitado”. O desenvolvimento da racionalidade, da linguagem, das técnicas e do senso moral depende do convívio com outras pessoas. Esse convívio se lhes traz alguma satisfação, é porque o cidadão se reconhece como membro de uma comunidade que o ultrapassa e o acolhe. Nesse sentido, Rousseau faz, no capítulo 7, do segundo livro do *Contrato Social*, um apelo acerca da necessidade de alterar a natureza humana para torná-lo membro de uma comunidade. Não há qualquer perspectiva de redenção ou expiação dos sofrimentos, mas a convicção de que compromissos mútuos fortalecem a humanidade das pessoas.

Os males físicos são o menor dos sofrimentos. Muito piores são aqueles impingidos pelos males morais decorrentes do desprezo, da humilhação, da violação de uns aos outros. Se muito pouco as pessoas podem fazer contra os males físicos, Rousseau entende

que cabe a elas buscar remédios, ou pelo menos, minimizar o sofrimento causado de umas às outras. Não se trata, de modo algum, de submeter as pessoas a qualquer norma moral ou jurídica heterônoma, que se imponha sobre elas a fim de regular-lhes, desde fora sua sensibilidade, entendimento e ação. Pelo contrário. Qualquer que seja a forma de aliviar os sofrimentos exige o exercício de voltar-se sobre si mesmo e buscar, no interior de si, o sentimento primitivo que a vincula às outras pessoas e ao mundo.

Nesse sentido, Junio investigou duas fontes de consolo e mitigação – pois não há cura possível para o sofrimento humano: a filosofia e a religião. A atividade filosófica faz cada pessoa observar em si mesma que a ordem interior “espelha” a ordem exterior e a faz perceber a harmonia do todo. Apesar dos pequenos e eventuais desajustes, há algo de terapêutico nessa compreensão, que lhe permite alcançar “certa dose de alívio” e seguir a vida vivida.

Na “religião do homem” as pessoas podem encontrar alívio às suas dores e sofrimentos pela comunhão imediata com Deus e com a irmandade dos fiéis, que à revelia de ritos e templos cultuam a Deus interiormente e vivem seus ensinamentos com extrema abnegação. Entretanto, em um estado teocrático, o sofrimento humano é pífio quando a comunidade é forte e ardorosa em sua devoção, compensando cada cidadão em razão da glória coletiva.

Se existir é sofrer, que o sofrimento não seja a razão do existir. Caluniar a vida, desprezar a morte são desdêns vaidosos daqueles que esquecem “o doce sentimento da existência” (Rousseau, 1969a, p. 1063). Não se trata de renúncia ou de desprendimento, mas da convicção que a vida, tal como ela é, vivida por cada pessoa, será sempre possibilidade de algo novo: que milagre é o homem! (troco a interrogação de Drummond por uma exclamação.) As possibilidades de acolher, de criar e de inventar estão sempre abertas à vontade e à ação das pessoas. Trata-se de buscar, junto com as outras, condições comparilhadas de compreensão e conforto.

— Profa. Dra. Helena Esser dos Reis (UFG/CNPq)

Goiânia, outubro de 2024.

Junio Cezar da Rocha Souza

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e Mestre em Filosofia pela mesma instituição. Possui Especialização *latu sensu* em História Cultural pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Licenciatura em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília (UCB), Graduação em Teologia pelo Seminário Presbiteriano de Brasília (SPB) e pelo Centro Universitário Filadélfia de Londrina (UniFil). Atualmente, é professor da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Brasília (FPMB) no curso de Direito, atuando nas áreas de Ética e Filosofia e Ética e Cidadania. Também leciona Filosofia no Colégio Presbiteriano Mackenzie Brasília. É professor, desde 2007, no Seminário Presbiteriano de Brasília, nas áreas de Introdução à Filosofia, História da Filosofia e Ética Cristã. É autor do livro *Filosofia e Abismo: transcendência e transposição no exercício do pensar*, publicado pela Editora Mackenzie.

O livro se estabelece sobre o tema do sofrimento.

E ao fazer *considerações sobre o sofrimento*, o intento não é suavizar o denso pensamento de Jean-Jacques Rousseau, mas defender que há um lugar importante para tal assunto em sua filosofia e na maior parte de seus escritos. Considerações vêm do ato de *considerar*, que, para um exame lexicográfico de superfície, já significa caracterizar determinada coisa, fazer julgamento, ter uma opinião sobre. O presente livro procura caracterizar o sofrimento na filosofia de Rousseau a partir das obras escolhidas para serem discutidas aqui. Algumas com mais intensidade, outras timidamente. Eis a limitação acadêmica que admitimos solenemente diante da monumental obra do filósofo.

Uma questão que é colocada no começo desta obra é se a temática mereceria ser considerada com tanto fôlego. Sofrimento é sofrimento, é um dado da realidade, ninguém o questiona, seria até estranho o fato de alguém defender um mundo indolor. No entanto, o que se defende é que o sofrimento acompanhou o pensamento de Rousseau não apenas como uma experiência interna – dada sua proximidade emocional com o assunto –, mas como um elemento por intermédio do qual ele compreendia o mundo, a história e o ser humano.

Eis o convite para percorrermos as páginas deste livro, que trata de algo tão imanente à condição do homem e tão caro e complexo ao universo da reflexão filosófica.



Editora
Mackenzie

ISBN 978-65-264-0704-2



9 786526 407042

